

Adolescência roubada?

Ana Maria Stucchi Vannucchi

Paladino, Erane. *O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 156 p.

O livro de Erane Paladino, *O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea*, é instigante. A autora parte de observações clínicas e se inquieta diante da “apatia” e do “conformismo” dos adolescentes de hoje em dia. Estabelece-se assim o primeiro elo com o leitor, que partilha dessa experiência profissional e pessoal. O livro nasce da clínica e oferece uma profunda reflexão que se situa em vários campos do saber, elucida a questão intrapsíquica e a inserção político-social do adolescente e então nos permite retornar à clínica com uma visão crítica mais ampla e, a meu ver, com mais condições de acompanhar nossos jovens na difícil tarefa de subjetivação e de conquista de suas identidades no mundo contemporâneo.

Logo na introdução Paladino esclarece suas hipóteses: estaríamos diante de um novo adolescente, diferente do imaginário social e das teorias psicológicas e psicanalíticas que dispomos? Onde “foi parar” a confrontação e a contestação aos padrões dominantes, tão necessárias para a elaboração da identidade e tão importantes para os jovens das gerações precedentes (pp. 16-22)?

Essas hipóteses nortearam a pesquisa e a reflexão que dão corpo ao livro, elaborado originalmente como dissertação de mestrado para o Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, em 2004.

Ao discutir a questão do jovem contemporâneo, inicia seu trabalho esclarecendo a necessidade de considerarmos sempre e inelutavelmente o contexto social como configuração geradora de sentidos na história e na experiência do indivíduo. Esse aspecto contextual é essencial em seu pensamento e perpassa todo o livro como instrumento de reflexão sobre o indivíduo, o sujeito e o processo de subjetivação e elaboração de identidade. Paladino, procurando discriminar e articular as noções de indivíduo, sujeito e identidade pós-moderna, denuncia, através de vários pensadores fundamentais, a fragmentação da subjetividade e das identidades no mundo atual. Tal fragmentação se relaciona sobretudo à desterritorialização do sujeito em relação ao binômio tempo/espço, à massificação (ênfase no consumo e cultura de aparências), com conseqüente empobrecimento da experiência. Assim, o jovem de hoje, ao construir sua identidade, depara-se com uma multiplicidade desconcertante e mutante de identidades possíveis. Seria isso liberdade? A autora debruça-se corajosamente sobre o tema da liberdade, questio-

nando: liberdade é ausência de limites? Massificação? Unanimidade? Cita Marcuse: “Liberdade de pensar o que todos pensam?” (p. 46). Ao final sugere que a fragmentação e a multiplicidade de opções na sociedade atual configuram, em vez de liberdade, vazio, abandono, desamparo e insatisfação do jovem que nela se desenvolve. É com esse adolescente que nos deparamos na clínica, nas escolas, nas instituições e nas famílias em que trabalhamos e vivemos.

Paladino nos lembra que a noção de adolescência surgiu no final do século XVIII, em função de necessidades sociais. Foi Stanley Hall o primeiro estudioso a se referir ao tema, caracterizando a adolescência como um período de tempestade e tormenta.

Para conceituar a adolescência, a autora recorre a vários teóricos da psicologia e da psicanálise, fundamentando-se especialmente em Freud, na questão da sexualidade, das relações mente-corpo e do complexo de Édipo, determinando a constituição da estrutura psíquica, as relações objetais, as identificações e a conquista de uma identidade. Ainda em Freud, Paladino destaca a questão da elaboração do luto pelos objetos infantis, associado à adolescência e à busca de novas relações de objeto no contexto cultural. Os modelos identificatórios da cultura são elementos fundamentais neste percurso de regressões e progressões. Desta maneira, encontramos várias referências às múltiplas formas de identificação e processos identificatórios, presentes no percurso de elaboração da identidade.

Aberastury, Erickson, Blos, Knobel, Calligaris, Ruffino e outros são mencionados, apresentando contribuições consistentes, que fundamentam seu pensamento com o objetivo de pensar a adolescência e sua contextualização na sociedade.

O corpo adolescente também é lembrado como elemento fundamental de subjetivação e transformações, trazendo novas possibilidades de prazer, mas, ao mesmo tempo, envolvendo estranhamento e angústia diante do novo. A sociedade contemporânea difunde um corpo ideal, que se contrapõe ao corpo real de cada um de nós. Diante dessa contraposição, o corpo não pode ser vivido, mas sim consumido, o que colabora, fortemente, para a dessubjetivação.

Além disso, a intensificação dos processos de informatização da sociedade deu origem ao que ela chama de “geração *zapping*”, caracterizada pelo uso simultâneo de vários “canais e meios”, excesso de informações, aceleração do

tempo, fragmentação do espaço, elementos que podem dificultar a capacidade de integrar informações e, portanto, de pensar. Ou seria um novo modo de pensar?

Ao colocar-se a questão do fim da adolescência, caracterizado como compromisso e responsabilidade, a autora se pergunta se a adolescência seria um processo interminável. Acredito ser uma questão muito pertinente no mundo atual, em que verificamos uma “glorificação” da juventude e vemos na adolescência permanente um ideal dos adultos que somos. Se os adultos desejam ser eternos adolescentes, o que podem desejar os adolescentes? Como se confrontar com esses pais, para poder discriminar-se e tornar-se indivíduo?

Paladino dedica um capítulo à noção de família enquanto instituição social básica, transmissora de valores e existente desde os tempos da Grécia antiga. Trata a família como uma conquista do ser humano na passagem da natureza à cultura. E menciona o fato de que a família “afetiva” atual é uma conquista recente na história da humanidade, envolvendo a emancipação da subjetividade e a livre escolha de parceiros, bem como maior respeito pelos sentimentos e pela criança como indivíduo (século XVIII).

Nesse período, o papel educacional deixa paulatinamente de ser realizado pela família, surgindo o sistema educacional e a escola tal como os conhecemos hoje.

Citando Roudinesco (2000, 2003), a autora reflete sobre a família contemporânea, na qual se vê a deterioração da figura do pai (iniciada com o fim da monarquia), a perda da autoridade e o surgimento da mídia como a grande transmissora de valores: “A família moderna assemelha-se a uma tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia nem autoridade, na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado” (p. 114). Paladino deixa claro que essa “crise de autoridade” pela qual a família passa atualmente deixa os jovens sem referenciais claros de valores e atitudes. O que parece ser liberdade e autonomia é então vivido como abandono e indiscriminação entre as gerações. Trata-se de uma situação social e familiar que não favorece o desenvolvimento da identidade, o qual pressupõe diferenciação e discriminação.

A autora nos traz, enfim, um relato corajoso; sem medo de ser vista como conservadora e antiquada, aponta os mal-entendidos que vivemos hoje: “Pouco diálogo com os pais na realidade, e pouco espaço para conflitos e embates, trazem como possível efeito sintomático rupturas na transmissão psíquica de regras, valores, como também da história” (p. 121).

Evocando o pensamento de Calligaris (2001), a psicanalista propõe a pergunta: será que o fato de os adultos quererem ser adolescentes não esvazia o projeto adolescente, e lhes inviabiliza a formação de identidade?

Assim, a aparente passividade, a apatia e a falta de perspectiva dos jovens poderiam ser pensadas como um confronto em relação à geração anterior, tão ativa, contestadora e “eternamente” jovem? (p. 151-2).

São perguntas sérias, que merecem nossa atenção e reflexão. Estaríamos dessa forma “roubando” a adolescência dos nossos jovens? Qual poderia ser a função de uma psicanálise de adolescentes, senão a de recuperar a possibilidade de viver uma adolescência viável?

Ana Maria Stucchi Vannucchi
Psicanalista. Membro associado da SBPSP.
Rua Benedito Lapin, 137 – Itaim Bibi
04532-040 – São Paulo – SP
Tel. 11 3845-9627
fapeu@uol.com.br